

Sartre: Humanismo e Existência

Sartre: Humanism and Existence

NEUSA MARIA RUDEK

Resumo: Com o presente trabalho pretende-se, a princípio, expor a construção sartriana de humanismo existencial, fundamentado a partir do conceito de “liberdade” como condição de existência. A obra basilar condutora da pesquisa e seu respectivo autor é *O Existencialismo é um Humanismo* de Jean-Paul Sartre. “A existência precede a essência”: ao enunciar essa máxima, Sartre formula o seu princípio de humanismo. O homem primeiro existe; depois se define. O homem existe e é livre para construir-se por meio de suas escolhas. Não há uma essência que o anteceda e o determine a um objeto limitado por possuir uma finalidade intrínseca. O filósofo emprega o conceito de para-si para referir-se ao homem. Somente o homem pode projetar-se, lançar-se para o futuro. O para-si possui estruturas transcendentais que permitem esta projeção. Abrir mundo é “liberdade”, é humanidade. Sartre reconhece uma “angústia” que provem da condição de se estar aprisionado as escolhas e responsabilidades e de se estar consciente de que as escolhas e suas implicações não remetem a nada.

Palavras-chave: Humanismo. Existência. Liberdade.

Abstract: The present work is intended at first to expose the Sartrean existential humanism building, based on the concept of "freedom" as a condition of existence. The work of conducting basic research and the respective author is *Existentialism is a Humanism* of Jean-Paul Sartre. "Existence precedes essence": in stating this principle, Sartre deliver its humanism principle. The man first exists; then define. Man exists and is free to build up through their choices. There is an essence that precedes and determines to a limited object to possess an intrinsic purpose. The philosophical concept employs for-itself to refer to man. Only man can project himself, throw himself into the future. The for-itself has transcendental structures that allow this projection. Open world is "freedom," is humanity. Sartre recognizes a "distress" to prove the condition of being trapped choices and responsibilities and to be aware that the

choices and their implications not refer to anything.

Keywords: Humanism. Existence. Freedom.

Introdução

Sartre desenvolveu sua concepção humanista no contexto do período pós-guerra quando, o filósofo recebeu um convite para proferir uma conferência a pedido do Club Maintenant. A obra *O Existencialismo é um Humanismo* (1946/2014) foi publicada no ano seguinte a partir de um questionamento sobre possíveis transformações do homem numa sociedade sobrevivente à Segunda Grande Guerra. Com o propósito de lançar as bases para a construção de sua doutrina existencialista, Sartre irá, gradativamente, perfilar os traços de sua concepção de homem que se autodetermina segundo os conceitos de “existência” e “essência”. O filósofo abre um discurso consubstanciado em torno do humanismo para refutar as críticas dos intelectuais da época, que, não compreenderam de maneira aprofundada a sua grande obra *O Ser e o Nada* (1943).

Com os ânimos exaltados após o cataclismo da guerra e preocupados com uma nova definição do homem conforme a exigência do contexto histórico, os críticos à época, perguntavam-se pela possibilidade de superação do homem visando a formação de uma nova sociedade mais humana. Devido à deficiência da compreensão de sua filosofia, os intelectuais passam a acusar Sartre injustamente de ser materialista: outros o julgam de não o ser; outros de ser naturalista. Enfim, o fato é que todas as objeções eram necessariamente de âmbito moral e utilitário, quando, na verdade, deveriam se alocar num âmbito estritamente filosófico. Sartre aceita o convite para esta conferência e

proporciona ao público uma exposição coerente de sua filosofia, esclarece, portanto, que o existencialismo é uma doutrina reservada estritamente aos filósofos, mas, na medida do possível procurará assentá-la ao alcance da compreensão do público. O fato é que Sartre arrepende-se de publicar *O Existencialismo é um Humanismo* devido as contradições em que estava envolvido naquele período. No fundo, ele pretendia participar ativamente da vida coletiva à frente do Partido Comunista, o que, tão cedo, se apercebe de que tal escolha teria sido prematura e, portanto, desprovida de maior fundamento filosófico.

O texto *O Existencialismo é um Humanismo* é um trabalho circunstancial, mas que permite compreender o primeiro momento, mesmo que vago, mas, intimamente conflitivo de uma transformação da vida intelectual de Sartre. Novas investigações filosóficas surgiram a partir das objeções à sua obra. Mesmo que confusas e insuficientes, as questões instigam-no a uma reflexão que, mais tarde irá desenvolvê-las na obra *Crítica da Razão Dialética* (2002).

O discurso proferido pelo filósofo inicia-se em um clima de superexcitação, com a sala invadida por curiosos acerca da nova atmosfera cultural em torno do existencialismo e por alguns admiradores da filosofia. Sartre avalia:

Consequentemente, a feiura passa a ser assimilada ao existencialismo; e por isso declaram que somos naturalistas; mas se o somos, é de estranhar que inquietemos e escandalizemos as pessoas muito mais do que o naturalismo propriamente dito inquieta e causa indignação hoje em dia. Alguém a quem um romance de Zola, como *A Terra*, cai perfeitamente bem, fica enojado ao ler um romance existencialista, e alguém que utiliza a sabedoria das nações – que é

bastante triste – nos acha ainda mais tristes (SARTRE, 2014, p. 16).

Para refutar tais críticas, Sartre inicia seu discurso em defesa ao existencialismo mostrando-se indignado acerca da incompreensão de seus críticos. Ao apresentar o naturalismo através do romance de Zola, Sartre pretende retratar a realidade aprofundando-a em suas mazelas sociais como os vícios, as paixões, os sentimentos humanos mais torpes e animalescos, considerados baixos e sujos, sendo este um recorte social em termos gerais da vida burguesa e proletária para, deste modo, alertá-los de seu equívoco no tocante ao existencialismo proposto e ao equívoco sobre sua filosofia. Sartre não economiza estes exemplos no decorrer de seu discurso para facilitar a compreensão de seus argumentos, mas antes lembra aos seus ouvintes de que esta é uma doutrina reservada estritamente para os filósofos.

A existência precede a essência

A fim de melhor caracterizar o existencialismo, Sartre trata a questão num âmbito estritamente filosófico. Confere-lhe uma complexidade advinda de dois tipos de existencialistas: por um lado, os cristãos, representados por Jaspers e Gabriel Marcel e, por outro lado, os ateus, dentre os quais, estão situados os existencialistas franceses e o próprio Sartre. O que eles têm em comum é o fato de que todos partem do princípio de que “a existência precede a essência”, ou seja, o existencialista não concebe o homem segundo uma essência *a priori* que o determina.

Com o intuito de esclarecer essa sua tese, Sartre lança mão de alguns exemplos. Um deles é o da produção de um objeto: o fabricante sabe, de antemão, que tipo de objeto produzirá segundo o conceito

que designará e determinará a finalidade do produto. Na produção de um livro, o editor sabe em quais condições e características permitirão que um livro seja constituído. Essas características encontram-se na essência de livro. O conceito de livro traz consigo sua finalidade. O fabricante jamais poderá produzir algo sem que saiba previamente o que produzirá. Ao conceber um Deus criador, no caso dos cristãos, Deus, no papel de artífice superior, cria o homem segundo sua concepção de homem. (SARTRE, 2014, p. 4): “Deus produz o homem segundo determinadas técnicas e em função de determinada concepção” exatamente como o faz o editor ao produzir o livro. O conceito de homem é universal, encontrando-se em cada exemplar humano, ou seja, a essência de humano precede a existência e determina que todos os homens sejam iguais por natureza. Neste sentido, a ilustração é necessariamente “essencialista” a qual, Sartre refutará ao sistematizar sua doutrina existencialista. No tocante ao existencialismo ateu, sendo coerente com a afirmação de que Deus não existe, o homem não resulta, portanto, da criação divina. Ele existe independente de qualquer conceito que o determine. Com isso, a existência precede a essência. Isto significa que não existe uma natureza humana ou, se quiser, um conceito universal de homem prévio. O homem de início não é nada, está lançado no mundo e se constrói. Ele se projeta num futuro, de modo consciente e responsável por sua projeção. O que Sartre defende é que o homem sendo livre para se construir é mais digno do que um objeto que está fechado em sua essência que o determina. Mas, esta dignidade não torna o projeto humano livre para ser aquilo que ele “quer” ser, ele somente será aquilo que projetou ser. O projetar não pode ser confundido com o querer ser, numa decisão inteiramente subjetiva.

Escolha, subjetividade e engajamento

Escolher ser algo está também interligado à subjetividade humana, ou seja, este projetar está engajado no projetar da humanidade no todo. Não se pode projetar algo que não é da condição subjetiva humana, ou do modo de ser humano, nada pode ser efetivado fora do campo das possibilidades. O subjetivismo pode ter aqui, dois significados. O mais comum deles é de que há uma escolha individual do sujeito por si mesmo. O outro significado é mais profundo e constitui a base para o existencialismo sartriano, quer dizer, trata-se da impossibilidade do sujeito transpor-se aos limites da subjetividade universal humana. Esclarece Sartre:

Quando dizemos que o homem faz a escolha por si mesmo, entendemos que cada um de nós faz essa escolha, mas, com isso, queremos dizer também que, ao escolher por si, cada homem escolhe por todos os homens. Com efeito, não existe um de nossos atos sequer que, criando o homem que queremos ser, não crie ao mesmo tempo uma imagem do homem conforme julgamos que ele deva ser. Fazer a escolha por isto ou por aquilo equivale a afirmar ao mesmo tempo o valor daquilo que escolhemos, pois não podemos nunca escolher o mal; o que escolhemos é sempre o bem, e nada pode ser bom para nós sem sê-lo para todos. Se a existência, além do mais, precede a essência, e nós queremos existir ao mesmo tempo em que moldamos nossa imagem, tal imagem é válida para todos e para nossa época inteira (SARTRE, 2014, p. 20).

A responsabilidade da escolha individual está sempre engajada na subjetividade humana, da qual o sujeito não pode transcender, isto é, não pode transpor a condição humana de sujeição à subjetividade,

uma vez que o projetar subjetivo é individual. Este subjaz o projeto da subjetividade universal de modo que uma escolha está simultaneamente vinculada a um modelo de homem universal. A responsabilidade de escolher gera uma angústia pelo fato da escolha individual ser como uma norma para a humanidade inteira. Ao criar a imagem do homem que queremos ser, ao mesmo tempo criamos a imagem de como todos os homens devam ser.

Não se trata de uma normatização cristã de bem e de mal. Trata-se, sim, de um sujeito que decide a partir da subjetividade humana para o seu próprio bem. Nossas escolhas sempre estarão engajadas na subjetividade coletiva e ao peso da responsabilidade e da angústia pelas escolhas. A angústia é inerente à condição do agir, uma vez que, independente do caminho escolhido, ela antecede a decisão. Ao fazer uma escolha, afirmamos o valor daquilo que escolhemos, mas, ao mesmo tempo percebemos que o que foi escolhido não tem nenhum valor, exceto o valor de ter sido escolhido. É possível negar a condição de angústia diante das escolhas, mas apenas sob a condição de que uma negação para si mesmo, termina por mascarar a angústia, sem livrá-la, no entanto, da responsabilidade das escolhas. Mascará-la é uma espécie de má fé. A escolha sempre estará engajada na subjetividade universal de maneira que a angústia, enfim, está vinculada ao engajamento em menor ou maior grau.

O homem como um projeto condenado à liberdade

Sartre tece o seguinte comentário:

Dostoiévski escreveu: “Se Deus não existisse, tudo seria permitido”. Eis o ponto de partida do existencialismo. De fato, tudo é permitido se Deus não existe, e, por conseguinte, o homem está

desamparado porque não encontra nele próprio nem fora dele nada a que se agarrar. Para começar, não encontra desculpas. Com efeito, se a existência precede a essência, nada poderá jamais ser explicado por referência a uma natureza humana dada e definitiva; ou seja, não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade (SARTRE, 2014, p. 24).

Nas linhas acima, apoiando-se em Dostoiewski, Sartre aprofunda a sua posição ao descrever a experiência ontológica de angústia que define o sentido último do humano. O que se reitera nesse argumento é a dimensão fáctica de que, na condição de um ser de angústia, o homem é condenado à liberdade de decidir, de escolher dentre a pluralidade dos possíveis, o que constituirá sua ação. O homem é ação livre e desamparada e é desamparada porque não existe mais a figura de um Deus para guiá-lo. O homem está lançado ao futuro por meio de suas escolhas e desamparado devido a responsabilidade por seus atos. Não há um céu inteligível em que o homem possa ser amparado por princípios *a priori* de conduta moral (como na ética cristã ou até mesmo na ética kantiana), pelos quais o homem pode direcionar-se e libertar-se da angústia e da responsabilidade por suas decisões. Nem mesmo as paixões justificam suas escolhas. Ora, o homem é responsável por suas paixões e, portanto, não poderá usá-las para justificar suas ações.

O homem se autodetermina, se constrói. Logo, é um projeto condenado à liberdade devido a condição de sua existência estar determinada ontologicamente por um projeto livre, que constitui a humanidade do homem, ou seja, o homem é um projeto universal de liberdade que se atualiza inserido nas circunstâncias que, por sua vez, constituirão possibilidades para suas escolhas. O homem está lançado

diante de possibilidades e é deste modo, que a humanidade se efetiva. Fazer escolhas é constituir mundo, é intuir mundo, é um dos modos pelo qual as estruturas de abertura do *para-si* se efetivam na humanidade do homem. O *para-si* é uma estrutura transcendental de abertura à pluralidade de possíveis, ou seja, essas estruturas constituem a condição de liberdade ou humanidade do homem. Nesse sentido, é coerente, em termos sartrianos, afirmar que o homem está condenado à liberdade.

Para o pensador francês, o que caracteriza a liberdade humana é o projeto ontológico livre de uma essência que o determina. Para a filosofia tradicional, vale lembrar: a essência condiciona e determina algo ao estatuto de *em-si*, como no caso de um objeto que se encontra fechado para qualquer possibilidade. O homem torna-se *em-si* como um objeto quando morre, a morte é uma das condições da qual o homem deixa de se abrir às possibilidades, e, portanto, acaba perdendo sua humanidade, sua liberdade. Afirmar que o homem vai de encontro ao seu destino é o mesmo que afirmar que a essência precede a existência. Ora, esse não é o projeto humanista e existencialista de Sartre. O projeto ontológico não determina o homem para um fim, ou para um destino pronto do qual o homem gradativamente irá ao encontro, o projeto ontológico é de liberdade para escolher ser aquilo que se pode ser diante das possibilidades, e a angústia é um sintoma desta responsabilidade de se construir. (SARTRE, 2014, p. 29): “Ou seja, eu estou entregue ao domínio das possibilidades; mas não se trata de contar com as possibilidades senão na estrita medida em que nossa ação comporta o conjunto desses possíveis”. Sartre diz mais:

A partir do momento em que as possibilidades que considero não estão rigorosamente engajadas por

minha ação, devo desinteressar-me delas, pois, Deus algum, desígnio algum poderá adaptar o mundo e seus possíveis à minha vontade (SARTRE, 2014, p. 29).

O existencialista só poderá contar com o que depende de sua vontade ou com o conjunto de probabilidades possíveis, para, por meio de sua escolha, efetivar a ação. Não há Deus para adequar tais possibilidades a uma vontade individual. Estar lançado diante do conjunto de probabilidades possíveis, é estar livre para definir-se dentre os possíveis e não àquilo que se quer ou se pretende fora do conjunto de possibilidades, ou seja, estar lançado diante dos possíveis não basta, é, também necessário estar engajado com os possíveis para efetivar-se por meio das escolhas. Não é possível vencer ao mundo, mas, é possível vencermos a nós mesmos, agindo sem esperança. Tudo será como o homem decidir que o seja, desde que esteja engajado.

A doutrina existencialista da qual se trata, não é uma doutrina do quietismo ou da falta de esperança. Pelo contrário, ela afirma a ação: o homem só existe na medida em que se realiza. A sua vida nada mais é, que o conjunto de seus atos. Para o existencialista, a realidade consiste na ação, desta maneira, (SARTRE, 2014, p. 31) “[...] não existe outro amor do que aquele que se constrói, não há outra possibilidade de amor do que aquela que se manifesta em um amor, não há genialidade se não aquela que se expressa em obras de arte”. O que de fato existe é somente a realidade. O homem nada mais é do que sua vida, que, por sua vez, se efetiva por meio de suas escolhas. O existencialista, nota Sartre, afirma a total responsabilidade por seu projeto, é inteiramente responsável por seu destino.

O que as pessoas, obscuramente, sentem, e que as atemoriza, é que o covarde que nos lhe apresentamos

é culpado por sua covardia. O que as pessoas querem é que nasçamos covardes ou heróis. Uma das críticas mais frequentemente feitas aos *Caminhos da Liberdade* pode ser formulada deste modo: “Mas, afinal, esses seres tão fracos, como poderão ser transformados como heróis?”. Tal objeção é um tanto ridícula, pois pressupõe que as pessoas nasçam heróis. E, no fundo, é isso que todos desejam pensar: se eu nasço covarde, posso viver em perfeita paz, nada posso fazer, serei covarde a vida inteira, o que quer que eu faça; se nasço herói também viverei inteiramente tranquilo, serei herói durante a vida toda, berei como um herói; comerei como um herói. O que o existencialista afirma é que o covarde se faz covarde, que o herói se faz herói; existe sempre, para o covarde, uma possibilidade de não mais ser covarde, e, para o herói, de deixar de ser. O que conta é o engajamento total, e não é com um caso particular, uma ação particular, que alguém se engaja totalmente (SARTRE, 2014, p. 12).

O exemplo apresentado sobre o projeto do covarde e o projeto do herói, deixa perfeitamente clara a afirmação de que “a existência precede a essência”: o destino do homem está nas mãos do próprio homem, o covarde não nasce covarde, como querem os fracassados para justificar suas frustrações. A covardia não está em nenhuma parte da constituição do homem ou, da essência do homem. Ele se faz covarde e pode se fazer herói, devido as possibilidades de deixar de o ser. O mesmo se dá no caso do herói: poderá deixar de sê-lo devido à mesma condição de possibilidades. O que importa é o engajamento total e não numa ação particular, ou seja, não é numa ação particular que o homem se define. O covarde pode ser covarde a vida toda, mas, pode deixar de ser e tornar-se herói devido às circunstâncias ou o conjunto de possibilidades, dentre as quais, ele escolherá e será

inteiramente responsável pelas mesmas. Não poderá contar com desculpas para seu modo de ser. Não há desculpas, não há justificativas, somos responsáveis por nossas características próprias.

O *cogito* como ponto de partida para o existencialismo

Por razões estritamente filosóficas, o ponto de partida para o existencialista é a subjetividade individual, visto que, seu destino está em suas próprias mãos, sua esperança está em sua ação e só o ato permite ao projeto efetivar-se. Escreve Sartre:

Como ponto de partida, não pode existir outra verdade senão está: penso, logo existo; é a verdade absoluta de consciência que apreende a si mesma. Qualquer teoria que considere fora desse momento em que ele se apreende a si mesmo é, de partida, uma teoria que suprime a verdade, pois, fora do *cogito* cartesiano, todos os objetos são apenas prováveis e uma doutrina de probabilidades que não esteja ancorada numa verdade desmorona no nada; para definir o provável, temos de possuir o verdadeiro. Portanto, para que haja uma verdade qualquer, é necessário que haja uma verdade absoluta; e esta é simples e fácil de entender; está ao alcance de todo mundo; consiste no fato de eu me apreender a mim mesmo, sem intermediário (SARTRE, 2014, p. 12).

O filósofo francês explica, que, de fato, o ponto de partida para o existencialismo é a subjetividade do indivíduo, mas, que não é uma subjetividade rigorosamente individual. Esta apenas permite ao sujeito apreender-se e apreender o outro como sendo sua própria condição de existência. O outro é indispensável à minha existência na medida em que se apresenta como liberdade posta à minha frente; deste modo,

descobre-se a intersubjetividade, através da qual, decide-se pelo que se é e pelo que os outros são. Portanto, só posso conhecer-me diante do outro, ou seja, postando-me diante dos outros, diante dos objetos, diante do mundo: a consciência me põe diante daquilo que sou e daquilo que não sou, sou humano, não sou objeto nem qualquer outra coisa. Além disso, pode-se considerar que não existe uma essência universal ou uma natureza humana. O que há, é uma universalidade de *condição* humana, que claramente é, segundo os filósofos contemporâneos, o conjunto dos *limites a priori* que esboçam a situação fundamental de um projeto no universo.

A subjetividade individual, o eu *penso*, é a única teoria que atribui uma dignidade ao homem, excluindo-o do estatuto material do objeto, determinado pelo conjunto das qualidades e fenômenos que o constituem. Assim, por exemplo: uma mesa ou uma cadeira, não possuem consciência de si, de ser algo ou pertencer ao conjunto dos materiais, de se colocar diante de qualquer outro objeto ou de si mesmo. O estatuto da subjetividade é regido por um conjunto de valores distintos das propriedades que determinam os objetos *em-si*, esses valores são os *limites a priori* ou a liberdade ontológica.

Os projetos são diferentes e as situações variam, mas, nenhum projeto permanece totalmente obscuro. Todos eles estão sob a mesma condição universal de existência, de maneira que alguns não passam de tentativas para ultrapassar esses limites, outros para se adaptar, outros para afirmá-los, outros para negá-los. Todos os projetos têm um valor universal de modo que qualquer projeto é inteligível para qualquer homem. O projeto do chinês, do negro, do indiano, poderá ser entendido por um europeu, haverá sempre a possibilidade de entender o projeto de um primitivo ou de um estrangeiro, desde que

tenhamos as devidas informações.

Essa universalidade do homem está sempre em construção pelas escolhas, pela compreensão dos demais projetos, já que não é algo dado e acabado. (SARTRE, 2014, p. 14). Diz Sartre: “O que o existencialismo faz questão de mostrar é a ligação existente entre o caráter absoluto do engajamento livre – pelo qual cada homem se realiza, realizando um tipo de humanidade”, e a relatividade resultante das escolhas, uma vez que não há diferença entre ser absoluto e ser um projeto livre, ser um absoluto situado e ser compreensível universalmente. Deste modo, o projeto do primitivo ou do estrangeiro é absoluto por estar situado em determinadas épocas e simultaneamente ser compreensível para qualquer projeto.

Sartre, de modo algum afirma que podemos escolher ser aquilo que queremos. Por exemplo: um indiano querer ser um negro está completamente fora do conjunto dos possíveis e, não há engajamento fora do campo das possibilidades. (SARTRE, 2014, p. 14). “A escolha é possível, em certo sentido, porém o que não é possível é não escolher. Eu posso sempre escolher, mas devo estar ciente de que, se não escolher, assim mesmo estarei escolhendo”. Alguns valores *a priori* determinam as escolhas, alguns valores são intransponíveis como o exemplo supracitado e outros valores são transponíveis como a situação em que: se define como um ser sexuado, nesse sentido, pode-se, portanto, escolher ter relações com outro sexo ou com o mesmo sexo ou ainda, não ter relação alguma, pode-se escolher ter ou não filhos. Haverá responsabilidade pelas escolhas e por não escolher nenhuma das opções, ou seja, escolhendo-se por privar-se delas, continua-se responsável pela escolha da privação de escolher.

O homem constrói seus valores

Não existem valores *a priori* que determinam as escolhas. É impossível uma decisão *a priori*, pois as escolhas dependem das circunstâncias das quais nos encontramos inseridos. É o que Sartre descreve nas linhas abaixo:

[...] Alguma vez já se acusou um artista que faz um quadro de ele não se inspirar em regras estabelecidas *a priori*? Alguém, alguma vez, lhe indicou que quadro deveria fazer? É evidente que não existe nenhum quadro definido que deva ser feito; o artista engaja-se na construção do seu quadro e o quadro que deve ser feito é, precisamente, o quadro que ele tiver feito. Sabemos que não existem valores estéticos *a priori*; contudo, existem valores que se tornam visíveis, posteriormente, na própria coerência do quadro, nas relações que existem entre a vontade de criação e o resultado. [...]. Qual a relação de tudo isso com a moral? Trata-se da mesma situação criadora (SARTRE, 2014, p. 15).

Do mesmo modo que o pintor cria sua obra, o homem constrói seus valores, sua moral, sem regras preestabelecidas e o resultado da sua criação se torna visível somente – no sentido kantiano – *a posteriori*. Não há uma moral ou valores *a priori* no céu inteligível para que o homem possa ser conduzido por esses princípios e ser caracterizado pelos mesmos. Aliás, se existissem valores *a priori*, se assim fosse, esta doutrina não passaria de uma doutrina da passividade, ou seja, engajar-se ao preestabelecido é estar determinado por princípios *a priori*. (SARTRE, 2014, p. 15). “O homem faz-se, ele não está pronto logo de início; ele se constrói escolhendo sua moral; e a pressão das circunstâncias é tal que ele não pode deixar de escolher uma moral”. O homem não nasce com uma moral definida *a priori*, mas precisa engajar-se para construí-la, escolher-se dentro do

conjunto das possibilidades. Como descreve ainda o filósofo:

Sem dúvida, a liberdade enquanto definição do homem, não depende de outrem, mas, logo que existe um engajamento, sou forçado a querer, simultaneamente, a minha liberdade e a dos outros; não posso ter como objetivo a minha liberdade a não ser que meu objetivo seja também a liberdade dos outros. De tal modo que, quando, ao nível de uma total autenticidade, reconheço que o homem é um ser em que a essência é precedida pela existência (SARTRE, 2014, p. 16).

A liberdade é o fundamento para todos os valores. Tais valores são construídos por meio das escolhas desde que as mesmas estejam engajadas. O conteúdo da escolha não importa, pois, a construção, deve necessariamente, ser autêntica e simultânea a dos outros. A vida em si mesma não tem nenhum sentido *a priori*, já que somente quem a vive é que pode atribuir-lhe sentido vivendo-a. O sentido é dado através das escolhas, de modo que os valores são construídos pelas mesmas, ou seja, o valor é esse sentido escolhido. Assim, constitui-se uma comunidade humana coerente com uma essência precedida pela existência.

Os valores resultantes das escolhas individuais não podem ser agregados a uma comunidade humana, isto é, não se pode atribuir honra a todos os homens por meio do ato particular de um homem. O humanismo existencialista não venera nenhum homem, nunca colocará um homem como meta, pois, o homem está sempre se construindo. (SARTRE, 2014, p. 43) “O culto à humanidade culmina no humanismo fechado sobre si mesmo”. Ora, é nesse momento que Sartre traça as linhas fundamentais do verdadeiro humanismo:

Existe, porém, outro sentido para o humanismo, que é, no fundo, o seguinte: o homem está constantemente fora de si mesmo; é projetando-se e perdendo-se fora de si que ele faz com que o homem exista; por outro lado, é perseguindo objetivos transcendentais que ele pode existir; sendo o homem essa superação e não se apoderando dos objetos senão em relação a ela, ele se situa no âmago, no centro dessa superação. Não existe outro universo além do universo humano, o universo da subjetividade humana. É a esse vínculo entre a transcendência, como elemento constitutivo do homem (não no sentido em que Deus é transcendente, mas no sentido de superação), que chamamos humanismo existencialista. Humanismo, porque recordamos ao homem que não existe outro legislador a não ser ele próprio e que é no desamparo que ele decidirá sobre si mesmo, mas procurando sempre uma meta fora de si – determinada libertação, determinada realização particular – que o homem se realizará como ser humano (SARTRE, 2014, p. 18).

O existencialista projeta-se, perde-se para fora de si mesmo, lança-se para a vida projetando seu futuro num engajamento autêntico, assim ele existe e atribui sentido, perseguindo fins transcendentais, superando-se e apropriando-se dos objetos, visando sempre a superação. Este é o universo humano, o universo da subjetividade humana, pois, o homem decide sobre si mesmo sem voltar-se sobre si, mas procurando um fim sempre fora de si mesmo. Deste modo, o homem se realiza como humano, numa doutrina de ação que conscientiza o homem que ele deve se reencontrar e se convencer de que nada poderá salvá-lo dele próprio. Não há um sentido *a priori* para a vida, o absurdo é o sentido pleno da vida. Não

há um Deus para o salvar, o homem é livre para escolher e escolhendo constrói-se; constrói-se continuamente os valores que o integram.

O homem está condenado à liberdade. O homem está condenado a inventar o próprio homem, a se construir a cada instante e é no desamparo que ele se decide por si mesmo. Sartre apresenta um exemplo perfeitamente claro que se permite compreender essa autoconstrução de valores. O filósofo relata o caso de um de seus alunos, que o procura nas seguintes circunstâncias: o pai estava separado de sua mãe e apresentava tendências colaboracionistas; seu irmão mais velho morreu durante a ofensiva alemã de 1940; o aluno, com sentimentos um tanto primitivos, mas generosos, ansiava por vingar a morte do irmão. Ele morava com sua mãe, que se encontrava muito abalada pela semitraição do ex-marido e pela morte de seu filho mais velho. Este jovem era seu único amparo.

Naquele momento, o jovem precisava escolher entre partir para a Inglaterra para alistar-se nas Forças Francesas Livres ou permanecer com sua mãe para ajudá-la a viver. A sua mãe era muito apegada e só vivia em função dele e se caso ele desaparecesse ou morresse em combate, ela inevitavelmente mergulharia no desespero. Ele tinha consciência de que tudo que fizesse em relação à sua mãe, tinha respaldo concreto, no sentido de que ele a auxiliava a viver. Por outro lado, o ato de partir e combater na guerra seria ambíguo, pois, poderia perder-se. Deste modo não serviria para nada; por exemplo: partindo para se alistar na Inglaterra, ele poderia ficar por um longo tempo num campo de batalha da Espanha ou outro país, ou poderia ser enviado para outro lugar para trabalhar num escritório preenchendo documentos. O que se encontrava diante dele eram dois tipos de ações distintas: uma delas sólida, imediata, mas dirigida a um único

indivíduo; a outra, dirigida a um conjunto infinitamente mais amplo, uma coletividade nacional, mas ambígua e podendo ser interrompida em meio ao caminho. Simultaneamente o jovem hesitava entre dois tipos de moral. De um lado, uma moral da devoção individual; de outro lado, uma moral mais ampla, porém, de uma eficácia contestável.

Ele precisará escolher uma delas, mas quem poderá ajudá-lo na escolha? A doutrina cristã? Não, a doutrina cristã prega que se deve ser caridoso, amar o próximo e sacrificar-se pelo semelhante, a escolha deve ser sempre pelo caminho mais difícil etc., mas, quem deve-se amar, o combatente ou a mãe? Qual seria a utilidade maior, aquela, vaga, de participar do combate ou aquela imediata de ajudar a mãe a viver? A pergunta é: quem poderá decidir *a priori*? Ninguém poderá decidir porque nenhuma moral estabelecida tem a resposta. A moral kantiana diz para nunca tratar os outros como meio para atingir um fim e sim tratar os outros sempre como um fim. Se o jovem ficar com sua mãe, a tratará como um fim e não como um meio, mas estará correndo o risco de tratar àqueles que combatem como meios para um fim e vice-versa, se tratá-los como fim, pelas mesmas razões estará tratando sua mãe como meio.

Os valores são vagos e amplos demais para o caso preciso e concreto considerado. Resta-se apenas, confiar nos próprios instintos. Foi exatamente o que o jovem tentou fazer, e, confessou que; no fundo o que conta são os sentimentos; que deveria escolher por aquilo que verdadeiramente o impele para uma determinada direção. Se sentir que gosta de sua mãe de modo que possa sacrificar todo o resto; o desejo de vingança, o desejo de ação e de aventura, fará com que ele fique com ela. Ou, se pelo contrário, sentir que o amor pela mãe não é

suficiente, então ele partirá para a guerra. Mas, como avaliar um sentimento? O que constitui o valor de um sentimento, ou o valor do sentimento por sua mãe? O fato de ele permanecer por ela. Pode-se dizer que se ama um amigo de tal maneira que se sacrificaria uma soma em dinheiro, mas, só poderá dizê-lo se assim o fizer. Pode-se dizer que ama a mãe a ponto de ficar junto dela; mas, não se pode determinar o valor desse sentimento, a não ser que, precisamente, se pratique um ato que o confirme, que o defina. O desejo de que o sentimento justifique os atos, culmina num círculo vicioso.

Por outro lado, o exemplo de Gide, expressa muito bem, que um sentimento representado e um sentimento vivido são quase indiscerníveis: decidir-se pelo amor à mãe ficando junto dela, ou representar uma comédia que retrata a mesma situação, é quase a mesma coisa, ou seja, o sentimento constrói-se por meio dos atos praticados; não sendo, pois, possível, pedir conselhos. (SARTRE, 2014, p. 9). “O que significa que não posso nem procurar em mim mesmo a autenticidade que me impele a agir, nem buscar numa moral os conceitos que me autorizam a agir”. Mas, o jovem procurou seu professor para pedir-lhe conselho, no entanto, se procurasse por um padre para pedir-lhe um conselho, estaria escolhendo esse padre e, no fundo, já se sabe aproximadamente o que esse padre aconselhará. Significa que escolher o conselheiro é enganar-se.

No caso dos cristãos, é legítimo que peçam conselhos a um padre, no entanto, existem padres colaboracionistas, padres oportunistas, padres resistentes, e qual deles escolher? Ou seja, qualquer um dentre os padres escolhidos já revelará a decisão pelo conselho que se quer receber. O fato de o jovem procurar por Sartre, revela que ele queria a liberdade, isto é, ele já sabia o que Sartre lhe

diria: “escolha, invente, você é livre”. (SARTRE, 1970, p. 9). “Nenhuma moral geral poderá indicar-lhe o caminho a seguir; não existem sinais no mundo. Os católicos arguirão: sim, existem sinais. Admitamos que sim; de qualquer modo, ainda sou eu mesmo que escolho o significado que têm”.

Nesse sentido, o filósofo defende a tese de um humanismo existencialista de homem que se autodetermina com fundamento no conceito de “liberdade”. Esta “liberdade” é uma estrutura universal presente e constituinte do homem, portanto, o homem é livre, ou seja, o projeto do homem é de constituição estrutural de abertura, é a condição humana de contínua construção conforme a abertura dessa estrutura. Para Sartre, o que determina ontologicamente o homem é unicamente essa estrutura, a determinação que condiciona o homem em estatuto de liberdade, de estar lançado no mundo. Essa liberdade parece perder-se na medida em que depende do engajamento dentro do conjunto das possibilidades, isto é, unicamente, se pode escolher aquilo que está no campo das possibilidades em determinada circunstância.

O projeto livre é determinado pelas circunstâncias e perde sua liberdade na medida em que não se engaja de acordo com os limites impostos pela dinâmica ôntica. A existência é determinada pelos fatores circunstanciais. Em outras palavras, a circunstância determina o modo da existência humana. Pode-se somente existir na condição limitada e determinada pelo conjunto das possibilidades. Deste modo, não se pode confundir a liberdade sartriana com a liberdade cotidiana que faz parte do engajamento a partir do conjunto dos possíveis.

Referências Bibliográficas

SARTRE, Jean-Paul. *L' être et le néant: essai d' ontologie phénoménologique*. Paris: Gallimard, 1943.

_____. *Crítica da razão dialética: precedido por questões de método*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira; apresentação da edição brasileira, Gerd Bornheim. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. *O existencialismo é um humanismo*. 3ª ed. Tradução de João Batista Kreuch, Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.